

Manu Bodin

Sob o sol de verão

Romance



Manu Bodin

Sob o sol de verão

Romance

Traduzido do francês por Andreia Frazão

1. [Capítulo 1](#)
2. [Capítulo 2](#)
3. [Capítulo 3](#)
4. [Capítulo 4](#)
5. [Capítulo 5](#)
6. [Capítulo 6](#)
7. [Capítulo 7](#)
8. [Agradecimentos](#)
9. [Do mesmo autor](#)
10. [Sobre](#)
11. [Copyright](#)

1.

Naquela manhã, naquele banal instante de despedida que, desta vez, ele sentiu como um adeus fatídico, pensou que seria a última vez que a beijaria, a última vez que lhe daria a mão, a última vez que a acompanharia a casa. Antes de desaparecer atrás do portão da residência onde estava instalada, ela soprou um beijo e orientou-o na direção dele com a palma da mão. Surpreendido, respondeu avidamente com a mesma elegância, como se fossem dois amantes que não conseguiam suportar a ideia de passarem o dia separados. Os olhos dele enevoaram-se, conscientes de uma coisa trágica: a mulher que amava ia acabar tudo com ele. Presumiu que nunca mais a voltaria a ver. Teria ela reparado na tristeza dele? Ele preferira imaginar o contrário. Por que razão haveria ela de pensar que ele tinha sido dominado por um estado de espírito sombrio? Nada ainda tinha sido oficializado entre eles no sentido de uma separação. O problema é que ele sentia essa rutura a flutuar no ar, como o odor de um poderoso veneno a cuja inalação se está condenado. Ao permanecer em silêncio quanto a tudo isto, esperava estar enganado. Quer quisesse, quer não, parecia-lhe que os dados já estavam lançados.

Foi com a cabeça curvada e com passos lentos que atravessou a estrada de asfalto e se afastou do edifício. Assumiu que teria de esquecer este bairro. Regressava ao miserável estúdio dele. Lá, esperava-o a sensação de estar incompleto, alimentada pela solidão latente, e teria novas lágrimas como sua única companhia.

Ela tinha-o habituado ao comportamento de uma companheira delicada e sincera que, muitas vezes, dava notícias, evitando, ao mesmo tempo, asfixiar o parceiro com uma vigilância diária. Ele próprio a deixava respirar à vontade, sem tentar importuná-la no tempo livre dela. De um dia para o outro, um ritornelo diferente esforçava-se por substituir o anterior, mergulhando-o num abismo de emoções. Sentiu uma dor aguda, como se fosse a sensação fantasmagórica de ver os próprios sentimentos a serem-lhe brutalmente arrancados do coração.

A ausência e a falta dela tinham durado quase duas semanas. Tentou contactá-la várias vezes. Em vão. As tentativas de contacto na forma de SMS, de chamadas telefónicas e mesmo de *e-mails* não obtiveram resposta.

Nenhuma resposta, nenhuma mensagem; só desprezo. Não compreendia; perguntou-se o que poderia ter acontecido para provocar a fuga da princesa dele, especialmente porque tinham planeado ir visitar Veneza juntos durante o próximo fim de semana.

A história deles tinha começado bem. Não parecia que o romance de algumas semanas fosse levar a uma separação. Estavam só cientes, desde o início da relação, de que pairava sobre eles uma data fatídica.

Conheceram-se na estação de metro de Paris; os corredores estavam apinhados, as pessoas tinham pressa. No meio do formigueiro, estava uma jovem perdida, a olhar em todas as direções. A estação estava a sofrer grandes obras de modernização. Estavam em falta as indicações das direções. Só os passageiros habituais sabiam o caminho, como robôs em sinergia, programados na perfeição.

Estava tão irritado como ela. Não conseguia encontrar o caminho. No entanto, estava familiarizado com estes longos túneis. Dado que não possuía nem carro nem motociclo, e achava os autocarros demasiado lotados e mais difíceis de encontrar, tinha adquirido o hábito de se servir destas toupeiras para as deslocações que ficavam longe de casa. Quando o tempo estava bom e tinha de se deslocar a um sítio que achava suficientemente perto, não hesitava em fazer a viagem a pé, por uma razão óbvia: o elevado custo do bilhete. Restavam ainda as bicicletas Velib, espalhadas por toda a cidade de Paris; porém, mais uma vez, o tipo de passe oferecido não lhe agradou. Já tinha tentado extrair o veículo, mas este persistia em permanecer cimentado no respetivo mastro. Não obstante, achava a ideia interessante; o problema é que a lógica da produtividade capitalista estava a abastardar a iniciativa ecológica. Foi atingido por uma epifania desesperante e contraditória: assim que uma decisão política que tem benefícios para o cidadão é posta em prática por empresas privadas gananciosas, só oferece como alternativa a infeliz constatação de que o nosso sistema económico é um simples acordo tácito de impotência que nos força a aceitá-lo quase de joelhos.

A jovem, que o viu girar sobre si próprio, ousou aproximar-se dele para perguntar se também estava à procura da linha catorze. Era precisamente essa que procurava. Ele tinha de apanhar esta linha até à estação de Saint-Lazare e depois apanhar um comboio suburbano. Ia encontrar-se com

Stéphanie, uma amiga pintora. Ela, por sua vez, ia para o lado de Bercy, que era na direção contrária. Ela fazia o gênero dele, fisicamente. Não falava um francês perfeito. O sotaque dela denunciava as suas origens do Leste. Informou-o de que o nome dela era Svetlana e que era da Rússia. Em troca, ele revelou-lhe o primeiro nome dele. «Franck,» respondeu ele, sem tentar impressioná-la com qualquer outra informação sobre si próprio nem chateá-la com perguntas intrusivas.

Svetlana sempre preferiu que os amigos a tratassem por Sveta. Estava a trabalhar em Paris há três semanas. Também estava a aproveitar a oportunidade para visitar vários países europeus durante os respetivos períodos de descanso. O trabalho dela consistia em vender malas de mão numa loja das Galerias Lafayette. Não lhe interessava minimamente ser lojista. Aborrecia-a bastante, até. Mas era a única forma que tinha de concretizar o sonho de viajar para França. Foi assim que conseguiu obter um visto temporário de três meses. Nesse dia, estava a caminho da casa de uma das colegas, de origem ucraniana, que viera para França pela mesma razão. Tinham planeado dar um passeio pela cidade. Também iriam fazer compras.

Svetlana sugeriu a Franck que fosse ele escolher a direção a tomar. Confidenciou-lhe que o signo astrológico dela a influenciava no quotidiano e nem sempre da melhor forma. Era Balança: o signo de todas as instabilidades! Era frequente ter dificuldades em decidir-se, sobretudo nos momentos importantes. Um sim de manhã podia transformar-se num não ao cair da noite. Revelou-lhe os detalhes da personalidade dela sem sequer se preocupar se era auspicioso ou não agir assim com um desconhecido. Mostrava-se espontânea, natural, e sentia-se à vontade diante deste homem. Sentiu imediatamente uma aura positiva e uma sensação reconfortante ao reparar neste rapaz, que estava tão perdido quanto ela.

Contudo, sem querer, Franck personificou o homem que toma a iniciativa. O caminho escolhido provou ser o caminho certo para Svetlana. Agradeceu-lhe e já estava prestes a deixá-lo. Reprimindo a timidez do antípoda que havia em si, Franck perguntou-lhe se gostaria de explorar Paris na companhia dele, nos próximos dias, como se tivesse um guia particular à sua disposição. Surpreendida e hesitante, olhou para ele, interrogando-se sobre as intenções deste rapaz. Seria um homem sério ou um aventureiro? Talvez um oportunista?

Passados alguns segundos de espanto, Svetlana deixou escapar um grande sorriso, depois do qual assentiu e respondeu candidamente com um típico: «Porque não?...» Trocaram depois os respetivos números de telefone. Seguiu-se o protocolo de cortesia. Desejaram um ótimo dia um ao outro, despediram-se e deram um aperto de mão constrangido.

Franck voltou para trás, com um sorriso nos lábios, como um idiota bafejado pela sorte, que muitos olhares contemplavam com curiosidade. No caminho, Franck não pôde deixar de pensar naquele rosto jovial que tinha acabado de conhecer. Um rosto doce, radiante, cheio de graça, abundante em ternura. Perguntou-se se alguma vez voltaria a ver esta rapariga. Qual seria a probabilidade de ela concordar em ir dar um passeio na companhia dele? Muito pequena, segundo ele. Para nos livrarmos de alguém que se está a tornar um incómodo, é fácil fazer-lhe a vontade e oferecer-lhe uma mentira como presente libertador, tal como um número de telefone falso, que evoca um gesto de boa vontade. Deveria tentar ligar-lhe?

Franck pensava demasiado. Inconscientemente, já estava de olho nesta jovem. Estava solteiro há vários meses, sem conseguir esquecer a ex. No entanto, esta nova loira de olhos azuis brilhantes tinha acabado de conseguir perturbá-lo num piscar de olhos, com um sorriso. Teria sido o desejo de seguir em frente? O início de uma paixoneta inesperada? Durante toda a viagem, continuou a recordar aquela carinha bonita que aparecera do nada, como um golpe de sorte, um presente da vida, um jogo de póquer cujas primeiras cartas se revelaram positivas. E, no entanto... o que poderia o destino ter reservado para ele? O futuro oferece muitas surpresas, sem aviso prévio. Os desejos começaram a fervilhar. Talvez uma chamada inocente pudesse mudar elementos do quotidiano dele. Uma reviravolta que daria oxigénio à vida dele e apagaria a memória da pessoa que amara antes. Seria assim tão simples substituir e esquecer um ser que carregámos no coração e no qual ainda pensamos? Sem dúvida... No entanto, ficará sempre uma remanescência que se revelará indelével.

Quando Franck chegou a casa da amiga, Stéphanie, não conseguiu nem quis abster-se de lhe contar este encontro fortuito. Aquele instante de alguns minutos voltava a invadir-lhe a mente. Estava assim à espreita o perigo de que Franck depositasse esperanças numa conversa tão breve que não havia garantias de que fosse além disso. Esta jovem deslumbrou-o desde o instante em que o abordou. Stéphanie estava a par das anteriores deceções do amigo. Parecia estar feliz por ele e, caso ele a voltasse a ver, esperava

que fosse o início de uma bela história de amor. Mas também o aconselhava a não dar demasiada importância a este assunto antes de se passar alguma coisa em concreto.

Franck tinha conhecido Stéphanie vários anos antes, através de um *chat* na Internet. Embora no início houvesse uma atração entre eles, preferiram manter uma distância recíproca. Viria a desenvolver-se uma amizade.

Baixa e morena, o físico de Stéphanie era o oposto do de Svetlana. Possuía um charme inegável que prende facilmente um homem — sobretudo se este se revelar solteiro, como era o caso de Franck quando se conheceram. Por um lado, a inteligência desta mulher tocou Franck. Por outro, fumava demasiado. Com o tempo, o desagradável cheiro do tabaco frio e seco provou ser um obstáculo. No decorrer das primeiras semanas, o desejo transformou-se numa forma de camaradagem. Gostavam de passar tempo juntos, a falar sobre os gostos que tinham em comum nas áreas do cinema, da arte e da literatura. Surgiram oportunidades para a comer em várias ocasiões, em noites como a que partilhariam hoje, só que Franck ficara sempre quieto no seu canto, à cautela. Ainda que Stéphanie nunca o tivesse dito com todas as letras, o seu terno comportamento para com ele e a forma sedutora como se vestia não eram senão um convite ao sexo.

Para que se desenvolva uma amizade entre um homem e uma mulher, nunca se deve — nunquinha! — dormir com a pessoa em questão. Por vezes, — e até com bastante frequência — há uma turbulência, coisas que ficam por dizer, um verdadeiro desejo de posse, sabendo, no entanto, que nenhum deles quer um futuro sentimental com esta pessoa. Se atravessassem a barreira imaginária, o que se lhes apresentaria, na melhor das hipóteses, só poderia amadurecer para uma amizade colorida. No máximo, isto prolongar-se-ia durante uns meses — até um deles ficar encantado com alguém mais adequado para si e o encontro evoluir para uma relação amorosa. Na pior das hipóteses, teriam uma breve aventura de uma noite, depois de uma noite de bebedeira. Ambos os cenários prometiam o mesmo destino: um fracasso que arruinaria todos os esforços de construção de uma amizade. Estando o ato já consumado, não restariam muitas esperanças no que toca a contemplar o desenvolvimento desta forma de simpatia. Ambos ficariam a perder. Muitas vezes, a decisão de duas pessoas ficarem ou não juntas ocorre nos primeiros dias ou nas duas semanas que se seguem ao encontro. Trata-se de um intervalo misterioso,

pois está impregnado de uma atmosfera particular, cheia de expectativas, de ilusões, de desejos, de interrogações. Por vezes, dizemos a nós mesmos: «É esta pessoa... É a tal!» Depois, a quimera revela-se como tal, e o precioso espécime desaparece para sempre. Se não tivesse havido nada desde o início, a afeição da amizade, que é tão bela e tão especial, poderia ter desabrochado.

Em casos raros, acontece o contrário. Após um período de grande amizade, sozinhos há algum tempo e em simultâneo, os dois amigos sentem falta de um companheiro. Gostam tanto um do outro que acabam por consumir uma doce intimidade. Um erro que pode arruinar anos de boa convivência, tudo por causa de uma simples queca...

É estranho quando uma mulher acaba com um homem e depois afirma que o quer manter como amigo... Como é que um rapaz pode passar a ter uma amizade convencional com uma rapariga que amou sinceramente e que ainda deseja? A amizade entre homens e mulheres parece improvável se tiverem partilhado sentimentos puros anteriormente. É uma ideia feia, horrível! É um rebaixamento. Em tempos, estive tão próximo, mas agora, como amigo, é convidado a manter-se a uma certa distância e a observar indiscriminadamente. Pior ainda, existe a possibilidade de haver um encontro com o novo pretendente, e de o amigo poder avaliar o jogo de sedução do próximo companheiro, que já imagina poder pinar dia e noite aquela que amava. Que coisa detestável! Só de pensar nisto, a ideia causa náuseas. Obviamente, a amizade parece inconcebível e improvável depois de se ter vivido uma relação amorosa com a maior sinceridade. Talvez anos mais tarde... Embora fosse necessário chegar a perdoar as ações que levaram à separação.

Stéphanie estava a mostrar a Franck as suas últimas criações em tela. O estilo dela dava para o surrealismo e não era fácil de descrever, uma vez que as figuras humanas, muitas vezes deformadas, se misturavam com uma atmosfera das mais caóticas. Emergia daí um toque muito pessoal. Contudo, até à data, nunca conseguira expor as obras dela. Franck não tinha dúvidas de que o momento de glória da amiga viria. O talento dela saltava à vista. Mas esta não dependia só da arte que criava para ganhar dinheiro — também trabalhava no escritório de uma empresa que vendia manípulos de frigoríficos. Lá, geria por via telefónica a relação comercial com os clientes empresariais. Para ela, era um aborrecimento de morte. No entanto,

aproveitava para engatar alguns dos potenciais compradores, que se tornavam seus amantes de uma noite. Este trabalho parecia ser a forma de Stéphanie fazer face ao custo de vida (que aumentava a cada ano), imposto pelo funcionamento e pela decadência da sociedade atual e perpetuado pelos sucessivos governantes, por medo de perderem as respectivas vantagens, porque só estão preocupados consigo próprios, ao passo que a população — os cidadãos — se vê esmagada e desprezada sob o jugo de novas leis indigestas.

Depois de um bom prato de massa e da descoberta do filme *Em Inglês, S.F.F.*, que ridiculariza completamente os nossos vergonhosos governos, Franck regressou a casa. No comboio, voltou a pensar em Svetlana. Hesitou em telefonar-lhe, mas queria contactá-la — quanto mais não fosse para satisfazer a curiosidade sobre se o número era ou não verdadeiro. Começou, aliás, a escrever um SMS, que é mais fácil de compor do que fazer uma chamada sem saber de antemão de que é que poderiam falar. Mas, pensando bem, abster-se de efetuar o envio. Tinha medo de que esta mensagem, na qual perguntava por ela, fosse demasiado precipitada e que, ao lê-la, a jovem só tivesse vontade de se distanciar deste homem que ainda era um desconhecido e que, estranhamente, se perguntava como tinha o dia dela tinha corrido.

Às sete horas da manhã seguinte, Franck foi acordado pela vibração do telemóvel. Detestava que o descanso dele fosse interrompido desta forma. A solução consistiria em desligar o dispositivo, mas este último servia-lhe de despertador. Normalmente, levantava-se por volta das nove horas, embora não tivesse feito planos. Aproveitava o tempo para ver filmes, ler livros, beber cervejas com os amigos, enquanto trocavam novidades sobre a vida uns dos outros. Ocasionalmente, ficava em casa para investigar na Internet e pensar numa possível reportagem fotográfica que pudesse fazer. Por vezes, consultava as ofertas de emprego. Esta pesquisa fazia-o afundar-se num estado próximo da depressão. Devolvia-lhe continuamente os mesmos anúncios. E, mesmo assim, quando escrevia para as empresas, estas achavam que não valia a pena contactá-lo de volta. Além de tirar fotografias ao Pai Natal no inverno, de assumir as funções de fotógrafo escolar ou de fotógrafo de casamentos, não havia nada na área dele. Franck já tinha feito estes trabalhos, que achava aborrecidos e marcados pelo automatismo... Não foi conquistado por nenhuma fibra artística. Nada era apropriado para ele — pelo menos, não durante muito tempo.

Quando partia numa reportagem, eram a sordidez e a miséria que o inspiravam. Encontrava-as aos montes em Paris, onde se revelavam terríveis! Não lhe interessava tirar os banais instantâneos que se vê nos postais. Cada um tem o seu universo criativo.

Franck esfregou os olhos. O ecrã do telemóvel mostrava um SMS de Svetlana. A surpresa fê-lo saltar da cama. Na mensagem, Svetlana mencionava que estaria livre no próximo domingo. Gostaria de que um guia lhe mostrasse um dos lindos bairros de Paris. Concluiu a mensagem com um inocente *smiley* a sorrir. Surpreendido por ter recebido esta mensagem, Franck foi invadido por uma profunda alegria. Já não precisava de se torturar a pensar se devia ou não contactá-la; Svetlana antecipou-se e assumiu o controlo. Esta abordagem significava muito para Franck. Esta mulher parecia ser sincera e queria voltar a vê-lo, passear com ele e conhecê-lo. Talvez quisesse mais alguma coisa? Aqui, estava provavelmente a adiantar-se demasiado. Este arrebatamento mantê-lo-ia de bom humor durante os três dias que o separavam do encontro. O tormento psicológico da memória da ex-namorada já se estava a desvanecer. Franck sentia-se finalmente pronto para uma nova história de amor. Respondeu-lhe num instante. Aproveitou a oportunidade para lhe deixar o respetivo endereço de *e-mail*. Svetlana reagiu dando-lhe o dela — e, mais uma vez, seguiu-se à resposta um *smiley* idêntico ao da mensagem anterior. Este simples ícone fez sobressair tanta amabilidade numa interação tão breve que Franck estava convencido de que tinha encontrado uma rapariga maravilhosa.

À noite, Franck esperou em frente ao ecrã do computador. Adicionou o contacto de Svetlana ao Skype, a aplicação de mensagens instantâneas. De repente, ligou-se a desconhecida de quem estava ansiosamente à espera. Svetlana falou-lhe da profissão dela e contou-lhe tudo o que a incomodava, como se Franck se tivesse tornado um confidente íntimo com quem socializava há muitos anos.

Explicou-lhe que, no trabalho, o ambiente não era o mais feliz. A gerente dava coices às vendedoras, que designava como incompetentes. Ocorriam roubos e ninguém reparava em nada — nem mesmo o segurança. Como resultado, ficou histérica e paranoica: acusava alternadamente cada um dos respetivos subordinados e chegou ao ponto de se imaginar vítima de uma conspiração interna.

A maioria dos colegas de Svetlana era de origem estrangeira. Sonhando conhecer a França, as pessoas chegavam ao país para a temporada de verão, que exigia mais mão-de-obra. Além de Svetlana, originária da Rússia, havia uma moldava, duas ucranianas, uma chinesa e uma brasileira. Por fim, duas francesas completavam a equipa. A patroa delas também era francesa, com raízes coreanas da parte dos pais. Quanto à mulher que geria atualmente a loja, também era francesa. Este negócio era um verdadeiro *melting-pot*. Algumas das assistentes de loja não sabiam uma única palavra de francês. Compensavam esta lacuna com o respetivo domínio do inglês, que era necessário para falar com os clientes — muitas vezes, eram turistas que não percebiam francês. Svetlana podia assim praticar as línguas que tinha aprendido. Achava que era a única vantagem deste trabalho.

Decidiram que iriam dar um passeio pelo bairro de Montmartre. Svetlana ainda não tinha conseguido visitar Paris por completo. Agora que tinha mais tempo, queria compensar. Só vira a torre Eiffel... mas somente do lado de fora. Quando Svetlana viu a massa metálica, pensou: «O quê? É esta a famosa Torre Eiffel? Realmente, não é nada de especial!»

A amiga ucraniana que a acompanhou não tinha manifestado reação absolutamente nenhuma. Conhecido em todo o mundo como o símbolo «das liberdades» da França, este monumento só suscitara um efeito de quinta categoria nas duas mulheres, muito aquém da empolgação inicial que tinham sentido antes da sua vinda, ao observarem diversas fotografias. Toda a magia de uma foto se esconde no equilíbrio correto do obturador, que define o tempo de exposição, e na abertura do diafragma, que permite a passagem da luz. A escolha da distância do foco deve oferecer um bom ângulo de visão e um plano criterioso que possa dar vida a qualquer quimera.

A falta de tempo de Svetlana, — que limitava os passeios dela desde que tinha chegado — devia-se a um trabalho de fim de ano que a jovem não tinha concluído e que tinha de entregar ao professor o mais depressa possível. Com vista a ligar as paixões dela, — a arte e o francês — Svetlana quis traduzir para russo e legendar várias canções do filme *Os Chapéus de Chuva de Cherburgo*. Tratava-se da sua longa-metragem francesa preferida. Apesar do pequeno atraso em relação à data prevista para a entrega do trabalho, Svetlana enviou-o pela Internet assim que o concluiu. Depois, obteve a melhor nota da turma. Que maravilha! Podia agora estar segura de que passaria para o quinto e último ano, com o bónus adicional das

felicitações do professor. Como recompensa depois de tanto trabalho árduo, deram-lhe licença para tirar algum tempo e para se divertir tanto quanto queria.

Durante os três dias de espera, Franck recebeu um *e-mail* de um dos amigos, Élie. Frequentaram o mesmo programa de pós-bacharelato, mas, por razões obscuras, Élie tinha mudado depois para cinema. Franck juntou-se-lhe alguns anos depois. Élie justificou esta escolha com uma citação do filme de Jean-Luc Godard, *O Soldado das Sombras*: «A fotografia é a verdade, e o cinema é vinte e quatro vezes a verdade por segundo!» Vinte e quatro vezes a verdade por segundo... esta ideia dá tanto que pensar que não há palavras que descrevam as impressões que suscita.

Élie tinha-se tornado um cineasta bastante dotado no seu género — um género de filme que alternava entre a genialidade e a loucura, e que deixava escapar um poderoso golpe de gancho contra esta indústria snobe, que esconde uma «grande família» de gente falsa, na qual muitos membros se odeiam, têm ciúmes uns dos outros ou nos aplicam golpes baixos sem qualquer razão válida.

Élie permaneceria no Líbano durante dois meses. Estava a refletir sobre a sua segunda longa-metragem. Tal como tinha sucedido com o projeto anterior, esta produção realizar-se-ia graças a uns generosos mecenas: eram conhecidos de um camarada próximo de Élie e não pediam nada em troca. O custo da produção do filme atingiria um valor inferior a cinco mil euros, e seria dividido por um conjunto de entusiastas e valiosos amigos que acreditavam no trabalho dele. No *e-mail*, Élie informava Franck de que, em breve, teria o guião pronto. Os amigos libaneses e a família estavam bem. Respirava a liberdade, longe da opressão parisiense, longe do seu antiquado palácio de quinze metros quadrados, um espaço habitacional que representava o tamanho de uma das suas casas de banho no Líbano — ou, para usar as palavras dele: «O tamanho da minha cagadeira!»

Paris... o coração artificial da França. Uma cidade de sacrifícios e de sofrimentos na esperança de um dia «triunfar».

Franck respondeu à mensagem do amigo. Partilhou com ele o quotidiano dos últimos dias e relatou com minúcia como o seu olhar se cruzara com o de uma bela rapariga russa que talvez o fizesse esquecer aquela que o tinha feito sentir-se tão mal nas semanas precedentes: a ex-namorada, também de origem estrangeira. A sua ex vinha a França para relaxar e para se divertir,

aquando de uma habitual estadia em Paris, que ocorria uma ou duas vezes por ano, mas Franck já não a considerava senão uma amante efémera. Franck prometeu mantê-lo informado se acontecesse alguma coisa com a jovem e disse-lhe para aproveitar as férias ao sol antes de se vir engaiolar nesta Paris desbotada.

You've Just Finished your Free Sample

Enjoyed the preview?

Buy: <http://www.ebooks2go.com>